



BICHOS E LENDAS  
DO NOSSO BRASIL

ROSANA RIOS

*ilustrações*  
MAURICIO NEGRO

*edelbra*







**BICHOS E LENDAS  
DO NOSSO BRASIL**



1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações e projeto gráfico: Mauricio Negro  
Assistente editorial: Camila Garcia Kieling  
Diagramação: Laura Guidali Amaral  
Revisão: Cláudia Bechler

---

R586b Ríos, Rosana, 1955 –  
Bichos e lendas do nosso Brasil / Rosana Ríos ; ilustrações  
Mauricio Negro. – Porto Alegre: Edelbra, 2019.  
40 p. : il. ; 17,5 x 25 cm.

ISBN 978-85-5590-102-7

1. Literatura infantojuvenil. 2. Lendas brasileiras. 3. Folclore brasileiro. I. Negro, Mauricio, il. II. Título.

CDU 087.5

---

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2019

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,  
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

FSC

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





# BICHOS E LENDAS DO NOSSO BRASIL

ROSANA RIOS

ilustrações

MAURICIO NEGRO

*edelbra*



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

# BICHOS E LENDAS DO NOSSO BRASIL

A sabedoria popular reuniu, através dos séculos, muitas histórias, receitas, cantigas, costumes do nosso povo... Tudo isso junto forma o nosso folclore.

Os contos folclóricos foram transmitidos de avós para pais, de pais para filhos, e assim por diante, em todos os cantos do Brasil. Eles trazem elementos criados por nações indígenas, povos africanos, imigrantes europeus. E tudo isso se mistura, numa festa de cores, sabores, lugares e ideias!

Nas histórias que percorrem o país, aparecem diversos animais. Nossa fauna, tão rica, traz, para os contos, personagens às vezes engraçados, às vezes espertos, às vezes tristes, e às vezes metidos em grandes encrencas...

Neste livro, recontamos alguns contos e lendas estrelados por bichos incríveis. E, além de nos divertirmos com suas histórias, podemos conhecer um pouquinho mais sobre a diversidade da fauna de nossa terra!

# URUTAU, A MÃE DA LUA



Quem percorre, à noite, os caminhos do interior do Brasil, às vezes ouve um lamento doloroso. O som assusta e dá medo. Será um fantasma? Um monstro? Uma pessoa que foi atacada e está se lamentando?

Nada disso: é apenas o canto de uma ave chamada urutau.

Em toda a América do Sul, o urutau, uratau ou jurutauí aparece em várias histórias folclóricas. Algumas pessoas o chamam de “Mãe da Lua” ou “Manda-Lua”, porque só canta à noite — talvez ele chame o luar... E a maioria de suas histórias fala em uma transformação: uma pessoa estava tão triste que acabou se transformando na estranha ave noturna.

A tradição de explicar por magia ou ação divina o surgimento de um animal, planta ou acidente geográfico é antiga, vem de tempos antes de Cristo. Na Grécia, por exemplo, há vários mitos sobre o mesmo assunto, como a história das irmãs Procne e Filomela, que sofreram tanto que acabaram se transformando em pássaros: Procne virou uma andorinha e Filomela um rouxinol.

Entre nossos povos indígenas, a transformação é um tema bastante comum para narrar como apareceram alguns vegetais ou animais, e até os astros. Há mitos contando como surgiu a mandioca, o guaraná, os macacos, o Sol, a Lua...

A versão da história do urutau que contaremos aqui pertence à tradição tupi-guarani. Os povos que foram assim chamados eram, na verdade, nações variadas, mas falavam línguas parecidas e habitavam muitos cantos do Brasil antes do Descobrimento, especialmente em regiões próximas ao litoral. Com a chegada dos portugueses a estas terras, algumas de suas histórias foram registradas por escrito, depois de séculos sendo transmitidas pela tradição oral.

Vamos descobrir o que eles imaginaram sobre o urutau?



## ERA UMA VEZ

uma moça chamada Nheambiú.

Ela fazia parte do povo Guarani, e vivia tranquila em sua aldeia, junto da família, até que algo mudou completamente em sua vida. É que ela se apaixonou pela primeira vez...

Os guaranis, naquela época, guerreavam com o povo Tupi. Após um confronto, os guerreiros da tribo trouxeram alguns prisioneiros para casa.

Um desses tupis era um rapaz de boa aparência, que se chamava Cuimbaé. Nheambiú gostou dele, levou-lhe alimentos, conversaram. E a moça percebeu que não sentia por seus companheiros guaranis nada parecido com o que sentia pelo prisioneiro.

Estava apaixonada!

Cuimbaé também se sentiu atraído pela jovem Nheambiú — mas não podia dizer isso a ela, era cativo dos Guarani e poderia ser morto por eles, ou passar a vida toda ali, aprisionado.

Depois de algum tempo, ela decidiu contar a seu pai e pedir para casar-se com o rapaz.

Os mais velhos da tribo se reuniram e discutiram o assunto. Decidiram:

— Uma filha dos guaranis não pode se casar com um inimigo de nossa nação!

Nheambiú ficou triste demais. Amava Cuimbaé e não podia fazer nada... Soltá-lo e fugirem da aldeia seria uma solução, mas como? Havia guerreiros vigiando, e os dois morreriam na tentativa de fuga.

De tanto lamentar-se e chorar, a moça foi emagrecendo. Um dia, ninguém a encontrou!

— Onde está Nheambiú? — perguntaram seus pais e irmãos a todos os outros.

Ninguém sabia.

Depois de vasculharem toda a aldeia, saíram a procurar pelas roças ao redor, entraram nas florestas, subiram os rios.

Finalmente, depois de muita procura, encontraram!

A bela moça, magra e tristonha, estava sentada sobre uma pedra, no coração da mata. Ela mesma parecia feita de pedra, pois não se mexia, não falava, tinha os olhos vidrados.

— O que aconteceu com ela? — perguntou seu pai ao pajé da tribo.

O homem examinou a moça guarani e respondeu:

— Ela não quer mais viver. Seu corpo vive, mas perdeu a fala: seu espírito está longe...

— Como podemos trazer o espírito de Nheambiú de volta? — quis saber o pai. Pensativo, o pajé explicou:

— Ela precisa sentir alguma coisa. Alegria, dor. Viremos falar com ela e contar coisas alegres e tristes, até que acorde.

Assim fizeram. Todos os dias alguém ia até a pobre e dava notícias da aldeia.

— Tua irmã teve um filho!

— Teu avô está muito doente...

— Os guaranis venceram uma batalha com os inimigos.

— Tua mãe morreu...

E nada que ela ouvia, fosse coisa boa ou ruim, modificava em seu rosto o olhar petrificado, nada a fazia se mexer.

Até que, um dia, o pai e o pajé se aproximaram e deram a ela a mais terrível de todas as notícias — que, dessa vez, era verdadeira.

— Cuimbaé morreu.

Nheambiú estremeceu. Respirou fundo. Seus olhos brilharam e uma lágrima correu por seu rosto. A boca abriu-se e ela fitou os dois homens.

— Cuimbaé... Morto?

Eles não disseram nada, mas ela leu em seus rostos que diziam a verdade.

Levantou-se da pedra em que se sentara por tanto tempo, suspirou e soltou um lamento dolorido:

— Ai, ai, meu amado!

E saiu correndo dali. Entrou mata adentro e sumiu entre a folhagem!

O pai, o pajé e outros guerreiros foram atrás dela, mas não a encontraram mais.

Porém, quando anoiteceu, os que procuravam a bela moça viram uma estranha ave, pousada num galho de árvore. Nunca tinham visto nada parecido...

Era grande, feia, cinzenta. Olhava para o céu e, de repente, piou, soltando um lamento triste.

Era a mesma voz de Nheambiú, chorando a morte de seu amor!

A moça havia se transformado na ave que foi chamada Urutau.

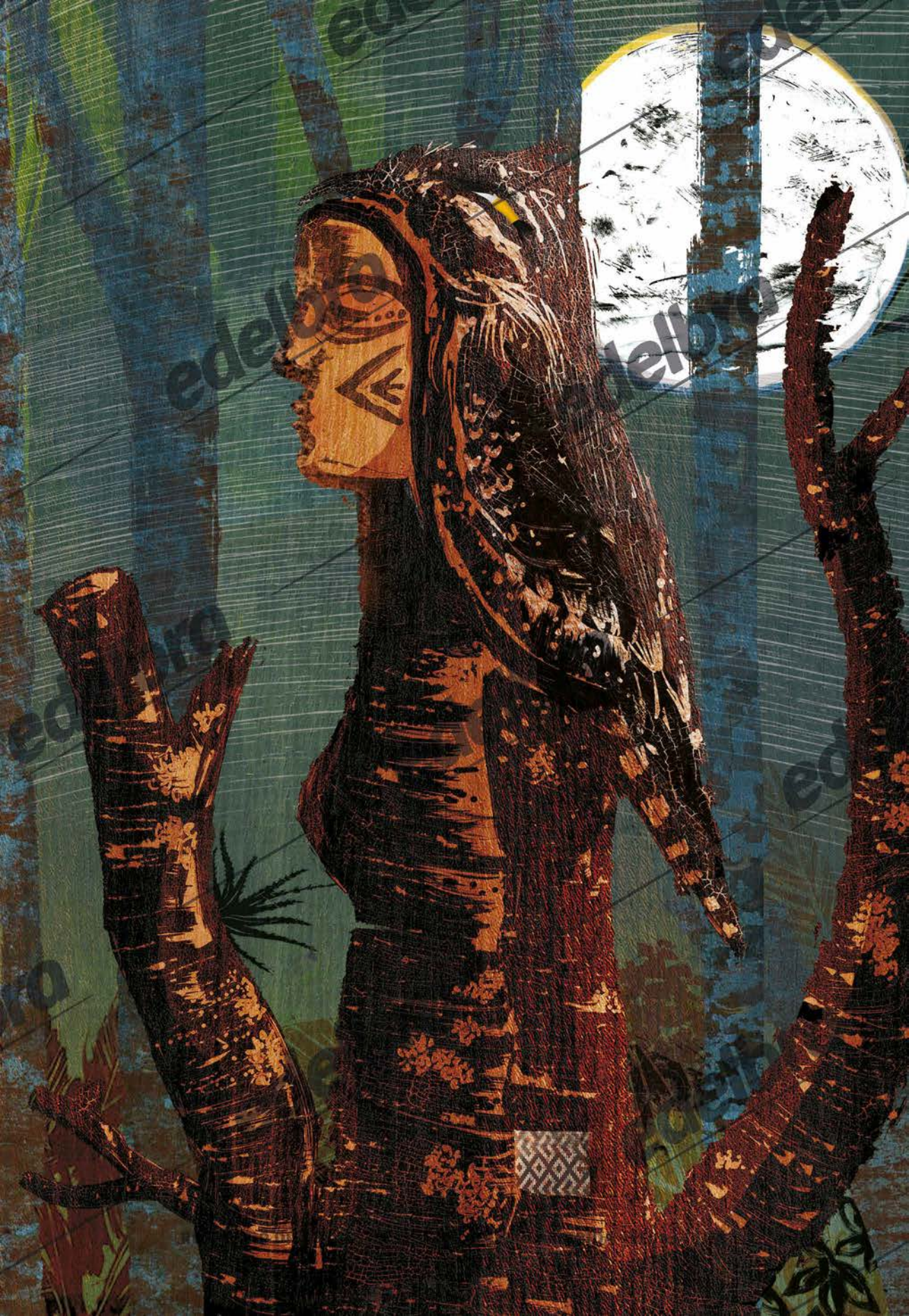
Na mesma hora, a Lua surgiu nos céus, entre as nuvens. E os guaranis fugiram daquele lugar, assombrados.

O Urutau teve filhotes, que se espalharam pelas matas... Até os dias de hoje, seus descendentes aparecem apenas à noite, para lamentar um amor perdido. A Lua atende ao seu chamado, por isso também chamam o Urutau de Mãe-da-Lua.

O canto é desesperado, assustador. E todos fogem quando escutam esse som, com medo que também lhes aconteça alguma coisa muito triste.

Pobre Urutau!











# QUE BICHO É ESSE?

Para conhecer um pouco mais o reino animal, precisamos saber que todos os bichos são estudados segundo suas características. Eles seguem uma classificação que se divide em:

Reino – Filo – Classe – Ordem – Família – Gênero – Espécie

Parece complicado, mas é bem fácil de entender.

Nós, seres humanos, por exemplo, nos encaixamos nesta classificação:

Reino: **Animalia** – Filo: **Cordados** / Subfilo: **Vertebrados**

Classe: **Mamíferos** – Ordem: **Primates**

Família: **Hominídeos** – Gênero: **Homo** – Espécie: **Homo sapiens**

Neste livro, contamos histórias sobre alguns animais pertencentes ao filo dos cordados e à classe dos vertebrados — animais que possuem medula espinhal e coluna vertebral.

Eles dividem-se em cinco classes: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Nosso primeiro personagem pertence à classe das aves!

O urutau é uma ave de tamanho médio, da família dos *Caprimulgídeos* e pertencente ao gênero de nome *Nyctibius*. São aves noturnas, sempre aparecem e cantam à noite. Há espécies maiores, como a que se chama *Nyctibius aethereus*; essas podem medir até 50 centímetros e possuem penas de cor marrom-avermelhada. Os menores, pertencentes a outra espécie — *Nyctibius griseus* —, podem chegar a 30 centímetros e têm uma coloração mais cinzenta.

Seu canto triste é o que deu a fama de trazer má sorte que essas aves têm. É um som alto e melancólico, que se ouve de madrugada, e que ecoa nas matas com um toque assustador e angustiado.

No Peru, o urutau é chamado "*Ayaymama*", porque as pessoas acham que seu canto parece o som de uma criança perdida, chorando e chamando "Ai, ai, mamãe"...



# COBRA NORATO E MARIA CANINANA

Esta história pertence ao folclore do Norte do Brasil, à região Amazônica — cheia de rios e de mistérios. Em diversos contos dessa região encontramos cobras d'água que seriam encantadas — e um dos mais famosos é este.

Os personagens Caninana e Cobra-Grande — também chamado Boiuna ou Boiuçu — são seres fantásticos que fazem parte da tradição de várias nações indígenas, mas são também nomes dados a serpentes de verdade, que habitam as matas brasileiras. Já Honorato, irmão de Caninana, é um personagem-herói, com forma de cobra e coração de gente...

Dizem as lendas que Cobra-Grande é o dono das águas e que às vezes surge nos rios para assustar as pessoas com seus olhos brilhantes. Em noites de lua minguante, transforma-se num navio fantasma, que navega pelas baías com marinheiros, que são caveiras de pescadores afogados.

Outra história do folclore brasileiro que fala de serpentes e transformações é uma lenda que aparece no Ceará, em Pernambuco e na Bahia. Conta sobre uma princesa transformada em serpente, que guarda grandes tesouros numa caverna. Ela só voltará à forma humana se alguém tiver coragem de entrar na gruta para quebrar o encanto.

O certo é que histórias folclóricas sobre cobras e serpentes vêm de tempos bem antigos.

No Egito, acreditava-se que, nas margens do rio Nilo, vivia a serpente Píton. Diziam que ela não picava, mas sufocava as vítimas até a morte. Os egípcios recitavam muitos encantamentos para evitar o veneno das cobras.

Na América do Norte viveram os astecas, nas terras em que hoje fica o México. Eles acreditavam num deus em forma de serpente: Quetzalcoatl, que quer dizer "serpente de plumas". Segundo as lendas astecas, Quetzalcoatl veio do céu e ensinou aos homens as leis, as artes e as ciências dos deuses.

Já na Índia, país da Ásia, as serpentes não eram consideradas seres maléficos! As lendas indianas estão cheias de princesas e príncipes-serpentes, chamados Najas, espíritos superiores que viviam no fundo das águas, em palácios cheios de pérolas e pedras preciosas. Em vários outros locais do mundo, existem histórias parecidas.

Vamos à história de Caninana e Honorato, duas serpentes bem brasileiras...







# A SALAMANCA DO JARAU

Este conto folclórico também é chamado de “Teiniaguá”, e vem do Sul do Brasil. Ele se passa na região próxima de onde o estado do Rio Grande do Sul faz fronteira com o Uruguai.

Lá fica a Serra do Jarau, onde se acreditava ficar a gruta encantada de Teiniaguá. Além disso, a história traz personagens da tradição indígena e vários elementos vindos da Europa, principalmente de Portugal e da Espanha.

Mas... O nome da personagem é Salamanca ou Salamandra? Algumas versões deste conto usam o primeiro nome, outras usam o segundo. E há até alguns autores que chamam a personagem principal de... Lagartixa! É que a salamandra se parece com os lagartos ou com a lagartixa, que são répteis, apesar de ser um animal anfíbio.

Existem histórias de séculos atrás que têm salamandras como personagens. Os antigos gregos e egípcios, por exemplo, acreditavam que ela era um ser elemental, como os gnomos!

Esses seres míticos seriam ligados aos quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Os silfos eram elementais do ar. As ondinas, da água. Os gnomos, da terra. E as salamandras pertenciam ao elemento fogo. Os gregos realmente acreditavam que esses animaizinhos tinham o poder de viver dentro das chamas, e que não se queimariam.

Já a palavra Salamanca refere-se a uma cidade da Espanha. Fazia parte dos antigos reinos de Castela e Leão, e lá viveram povos romanos, visigodos, árabes e castelhanos. Hoje, é uma cidade muito visitada pelos turistas.

Como veremos na história, a personagem principal veio de Salamanca e transformou-se em salamandra... Por isso, em várias versões, encontramos um nome ou o outro. Hoje, a palavra “salamanca” também se refere a grutas encantadas — principalmente aquelas que estão cheias de tesouros.

A Salamanca do Jarau é um conto de magia, desses em que os seres humanos são transformados em animais, e se misturou com vários elementos do folclore gaúcho.

Vamos, então, viajar ao Sul do Brasil e entrar na gruta encantada de Teiniaguá?







**edelbra**

**edelbra**

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





edelbra

edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98



# O SAPO QUE FOI PARA A LUA

A Lua, satélite da Terra, sempre fascinou as pessoas.

Os antigos não sabiam que lá existiam crateras e outros acidentes geográficos, e ficavam imaginando o que seriam as manchas que podemos ver nela, a olho nu. Por isso, surgiram vários mitos e lendas, tentando explicar o que era aquilo...

Os chineses achavam que era a imagem de uma sapa que morava na Lua. Acreditavam que a sapa era a deusa Chang-o, esposa do Arqueiro Celestial, que foi banida do céu. Essa deusa tomou sozinha uma poção mágica de imortalidade, que era para dividir com o marido. Com medo dele, fugiu da Terra. Porém, como não podia subir mais, nem descer de volta, ela ficou morando na Lua — e foi transformada numa sapa!

Na Índia, uma lenda contava que o deus Sakra colocou na face do satélite a imagem de uma lebre, para homenagear a lebre generosa que lhe ofereceu alimentos, inclusive a própria carne. Como essa, há muitas outras histórias, em várias mitologias, sobre sapos, rãs, lebres e outros animais que eram “vistos” na Lua.

Na tradição cristã, acredita-se até que o desenho que vemos lá em cima é a silhueta de um dragão: seria o mesmo dragão que foi morto por São Jorge, para salvar uma cidade e sua princesa!

Já a nação Kamaiurá, povo nativo da região Centro-Oeste brasileira, nos fala sobre um sapo que teria ido morar na Lua para fugir de uma onça.

Na verdade, nossos povos indígenas contam muitas histórias sobre sapos. Afinal, o sapo é um bicho muito comum e está por toda parte. Só no Brasil, foram encontradas mais de mil espécies desse simpático animalzinho!

Os Kamaiurá vivem no Parque Indígena do Xingu, que fica no Noroeste do estado do Mato Grosso. Eles possuem centenas de histórias em sua tradição oral. E uma delas é a que contaremos aqui...

Como será que o sapo foi parar na Lua?





# FONTES

As histórias aqui contadas, e também as informações sobre a fauna brasileira, encontram-se registradas em diversos livros. Eis alguns deles:

ANDRADE E SILVA, Walde-Mar de. **Lendas e mitos dos índios brasileiros**. São Paulo: FTD, 1997.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Brasil – Histórias, costumes e lendas – Lendas Brasileiras – “Cobra Norato”**. São Paulo: Editora Três, n.d.

CARVALHO, José. **Estórias e lendas da Amazônia – O matuto cearense e o cabodo do Pará – “Cobra Norato**. Sel. e intr. de Anísio de Melo. São Paulo: Editora Literart, n.d.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5 ed. Belo Horizonte: Edições Itatiaia, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ INL-MEC, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, n.d.

DAGOSTIM, Martins. **O urutau**. São Paulo: Editora Fênix, n.d.

INHERING, Rodolpho Von. **Dicionário de animais brasileiros**. São Paulo: [s.n.], 1940.

VILLAS-BOAS, Orlando; VILLAS-BOAS, Cláudio. **Xingu, os índios, seus mitos**. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1976.

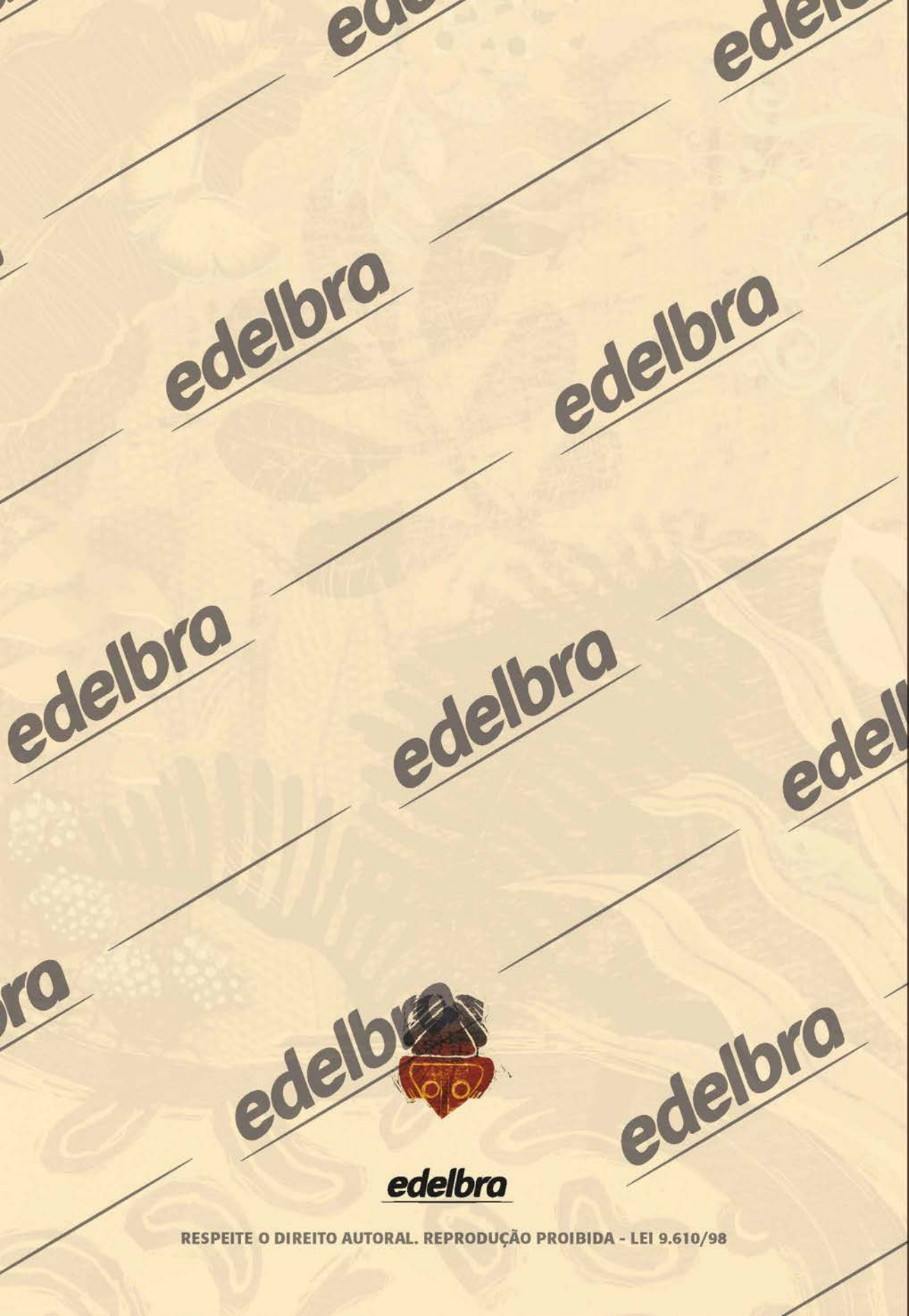


**ROSANA RIOS** é autora de livros para crianças e jovens.

Em 30 anos de carreira, publicou mais de 160 livros. Vários deles foram premiados, e hoje estão espalhados pelas bibliotecas de todo o Brasil. Alguns dos gêneros que a autora mais gosta de pesquisar e de recontar são os mitos, os contos de fadas e os contos folclóricos.

**MAURICIO NEGRO** é ilustrador, escritor e designer. Ilustrou centenas de livros. Projetou outros tantos. Publicou vários como autor, no Brasil e no exterior. Recebeu diversos prêmios pela sua produção, quase sempre relacionada à diversidade cultural brasileira.

Para saber mais sobre ele, acesse: <https://about.me/mauricionegro>



**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**edelbra**

**bra**

**edelbra**

**edelbra**



**edelbra**

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





Neste livro, as estrelas são bichos incríveis! Personagens às vezes engraçados, às vezes espertos, às vezes tristes, e às vezes metidos em grandes encrencas... Com suas histórias, além de nos divertirmos, poderemos conhecer mais sobre a diversidade da fauna de nossa terra. Estes contos e lendas foram transmitidos de geração para geração e trazem elementos das culturas que formaram o Brasil — nações indígenas, povos africanos, imigrantes europeus: uma festa de cores, sabores, lugares e ideias, que compõe o nosso folclore.

***edelbra***

ISBN 978-85-5590-102-7



9 788555 901027